



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

GÊNERO, RAÇA, DIVERSIDADE E IDENTIDADES NA ESCOLA: ALGUMAS REFLEXÕES

Cinthia Nolácio de Almeida*
(UESC)

Tatiana Almeida Rocha Barcelos**
(UESC)

Lúcia Gracia Ferreira***
(UESC)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal discutir os processos de construção de identidades de gênero/mulher de alunas negras a partir de suas experiências escolares. Objetiva ainda, destacando como a atual estrutura da maioria das instituições escolares, baseada num padrão hegemônico de ser humano (masculino e branco) pode gerar prejuízos para os sujeitos considerados “fora do padrão”, particularmente as alunas negras, duplamente discriminadas por serem mulheres e negras. Objetiva ainda, contribuir na luta pela efetivação de uma educação escolar que seja realmente democrática, multicultural e que respeita e dialoga com as diferenças presentes no seu interior.

PALAVRAS CHAVE: Adolescentes negras, Identidade de gênero, Escola.

*Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Salvador/Bahia. Especialista em História do Brasil pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/Ilhéus/Bahia. Especialista em Educação em Relações Étnico-Raciais pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/Ilhéus/Bahia. E-mail: cinthianolacio@yahoo.com.br

** Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC – Ilhéus/Bahia. tatianabarcelar@yahoo.com.br

*** Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Salvador/Bahia. luciagferreira@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

A educação escolar mesmo sendo um direito social garantido pela Constituição Federal, "dever da família, da comunidade e do Estado" e sendo definida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como sendo um espaço privilegiado para eliminação de toda e qualquer forma de preconceitos e discriminação (porque permite a convivência de pessoas de diferentes origens étnicas, culturais, religiosas, no mesmo espaço físico), tem sido revelada por inúmeras pesquisas realizadas nas últimas décadas²¹⁹, como uma instituição que muitas vezes produz e reproduz desigualdades de várias ordens, inclusive as de gênero e de raça, contribuindo para fomentar idéias preconceituosas, estereotipadas e inferiorizantes contra as mulheres, especialmente, as mulheres negras e contribuir para a construção de identidades de raça e de gênero negativas.

Numa sociedade, como é a brasileira, que veicula de diferentes maneiras, mas principalmente através da mídia, um padrão de beleza branco europeu, através do qual são difundidos padrões estéticos onde são veiculadas como belas e perfeitas as mulheres brancas, com cabelos loiros e lisos, são poucos os referenciais positivos que as mulheres negras têm para construir um olhar positivo sobre si mesmas. Esses mesmos referenciais têm orientado, muitas vezes, a estruturação das escolas e contribuído para a construção de identidades negativas.

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos sujeitos, em específico as mulheres negras, nos vários espaços – institucionais ou não – nos quais circulam, interessa nesse artigo discutir como as identidades de gênero e de raça se constroem na instituição escola, ou seja, como elas são construídas durante as vivências escolares das alunas adolescentes negras, uma vez que a adolescência

²¹⁹ Ver Davis (2000), Cavalleiro (2000), Munanga (2001).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

é um período de maturação sexual e física e momento de formação de projeções pessoais e profissionais.

Uma Reflexão sobre o Conceito de Identidade

A identidade é um fenômeno social fruto da relação dialética entre o indivíduo e a sociedade em que está inserido, ou seja, não é algo inato, ela se constrói dentro de um contexto sócio-histórico-cultural, num processo em que “o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos através de um determinado grupo social” (CIAMPA, 1987, p.65). É um processo complexo que ocorre tanto dentro do próprio indivíduo como na cultura da coletividade que ele faz parte.

A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente. Nesse processo, o indivíduo articula o conjunto de referenciais que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo. A pessoa realiza esse processo por meio de sua própria experiência de vida e das representações da experiência coletiva de sua comunidade e sociedade, apreendidas na sua interação com os outros. (NASCIMENTO, 2003, p.31).

Partindo da afirmação de Nascimento, conclui-se que não é possível dissociar o estudo da identidade do sujeito do da sociedade, visto que, a consciência que um sujeito tem de pertencer a um “nós”, de identificar-se com algo, resulta da dinâmica da sua relação social com o “outro”. A construção do seu “olhar para si mesmo”, do sentimento do “seu eu” é fruto do processo de “olhar para o outro”. Esse processo de diferenciação, crucial para a construção das identidades, só adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos, já que para a construção e manutenção das identidades são necessários dois processos



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

diferentes e dialéticos: o social e o simbólico. As identidades se constroem a partir de um sistema de representação que atua simbolicamente para classificar o mundo e perpassa pelas relações sociais. Ou seja,

É mediante a representação social que se origina e se expressa a identidade, uma vez que o termo identidade quer representar uma realidade que é expressão de uma relação, pois se constitui na convivência ou no conflito com o diferente. (OLIVEIRA, 2006, p.88).

Assim, é no processo de espelhamento com o outro e na tomada de consciência da diferença e da semelhança que se constrói a identidade, num processo de fora para dentro. Ao mesmo tempo que as diferenças são evocadas, as semelhanças também são, no processo de construção das identidades. Um grupo social, por exemplo, pode construir um sentimento de um nós coletivo a partir da compreensão das diferenças em relação a outros grupos sociais e da reivindicação de maior visibilidade social.

Para Silva (2002) identidade e diferença são interdependentes, são inseparáveis. Ser mulher negra, por exemplo, significa não ser homem negro, não ser homem branco, não ser mulher branca. Ao passo que, dizer que o outro é um homem branco, ou um homem negro, ou uma mulher branca, significa dizer que ele não é uma mulher negra. Para o autor, “a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos.” (SILVA, 2002, p. 46).

Entretanto, a identidade e a diferença só fazem sentido dentro de um processo de produção simbólica e discursiva e que envolve relações de poder, assimetrias que classificam grupos, hierarquizam, e nesta disputa, quem detém o



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

privilégio de classificar também detém o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos classificados e fixar a identidade normatizadora, hegemônica.

Ser a identidade tida como norma é uma posição privilegiada, já que a normalização sutilmente arbitra o parâmetro em relação às identidades. A identidade padrão, normal, passa a ser “a identidade”, tida como possuidora de todas as características positivas, transformando as diferenças do outro em anormalidades, em inferioridades. Na sociedade brasileira impera a identidade hegemônica branca e masculina (NASCIMENTO, 2003), as diferenças estabelecidas a partir deste modelo, constroem os outros, os inferiores, que tem o respaldo dos códigos culturais e dos sistemas simbólicos para se manter e se perpetuar. Nesse processo, quem tem o poder de representação, tem o poder de definir a identidade. Assim, é interessante compreender como se ocorrem os processos de construção de identidades de raça e de gênero.

Alunas Negras e os Processos de Construção de Identidades de Gênero e Raça na Escola

Os processos de formação identitária de alunas negras são marcados por estereótipos do que é ser negro e ser mulher na sociedade, visto que, o racismo e o sexismo estão presentes em práticas cotidianas que prejudicam a trajetória daqueles que se estão “fora do padrão” masculino e branco. O racismo e o sexismo como sendo fenômenos culturais e sociológicos, têm se constituído em verdadeiros obstáculos que impedem tais grupos de se beneficiar de oportunidades equânimes nos diversos âmbitos da sociedade.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Apesar disso, ainda é forte a tentativa de esconder os conflitos e tensões que envolvem, não apenas as relações raciais, mas também, as que abarcam as questões de gênero. Os discursos exaltando as contribuições dos negros para a cultura brasileira, através da dança, da arte, da ginga, da comida, revelam a forte intenção de fomentar a imagem do negro como o coração do Brasil, cheio de emoção, sensualidade, mas sem valorizar qualquer atividade de cunho intelectual, esta fica para os brancos. Há ênfase aos casos esporádicos de negros que ascenderam socialmente através de atividades consideradas lúdicas, como o esporte, a música e a encenação e de mulheres que assumiram funções anteriormente exercidas por homens, entretanto essa igualdade ainda na se efetivou.

Bruschini e Sorj (1994) analisando a participação de mulheres em grandes empresas brasileiras, concluíram que apesar do crescimento expressivo da mulher no mercado de trabalho brasileiro (como demonstram o IBGE e o PEA – População Economicamente Ativa) isso não teve ressonância na esfera dos cargos de topo das empresas, observou-se uma notável sub-representação de mulheres nos cargos de comando e o pequeno percentual que consegue ocupar altos cargos, possui salários mais baixos em relação aos homens com o mesmo cargo, além do fato de elas serem muito mais cobradas do que os homens. Isso ratifica a discriminação da mulher e a necessidade da efetivação da luta pela igualdade substantiva das mesmas. Essas questões que interferem na vida e na história de muitos indivíduos precisam ser levadas em consideração pela escola na busca de uma educação democrática, inclusiva e de qualidade.

Nos últimos anos, alguns estudos (SILVA, 2001; CAVALLEIRO, 2000; VIANNA, 1997) têm mostrado que o acesso e a permanência bem-sucedida na educação escolar, por exemplo, variam de acordo com a raça/etnia, sexo, classe social da população (vale ressaltar que na sociedade atual o saber



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

institucionalizado pode ser segregador, com isso, a exclusão escolar é o início da exclusão social) e o aprofundamento dessas questões aponta para a necessidade de repensar a estrutura, os currículos, os espaços físicos da escola, por isso é preciso considerar que a escola brasileira, com sua estrutura rígida, que privilegia um padrão de ensino, de aluno e de professor a ser seguido (construído pela classe dominante), encontra-se inadequada aos grupos que estão fora do “padrão ideal”, que corresponde a um ser “masculino”, “branco”, “jovem”, “heterossexual”, “cristão”, “física e mentalmente perfeito” (VIANNA apud AQUINO, 1997, p, 125), excluindo os demais, principalmente as mulheres negras, duplamente discriminadas socialmente, por serem negras e mulheres²²⁰.

Na base da pirâmide social, essas mulheres ocupam os piores postos no mercado de trabalho, recebem os piores salários, possuem os piores indicadores socioeconômicos, além de serem vítimas da utilização mercantilista do estereótipo da mulher negra, amplamente divulgado pelos meios de comunicação de massa como produto de consumo para exportação, além da violência simbólica gerada pela imposição de um padrão de beleza que privilegia as características do branco europeu e que, segundo Munanga (1996, p.56) pode esfacelar a identidade daqueles que não se enquadram em tal padrão. Assim,

As mulheres afro-brasileiras são estereotipadas como promíscuas ou eróticas e estão associadas, em todo o mundo, com certas profissões, como as “mulatas do carnaval” e dançarinas de boates. Essas imagens mascaram as relações de poder e gênero que procuram “Manter o negro no seu lugar”. Lembranças, enfeites e camisetas com imagens de mulheres negras nuas, que são vendidas em quase todas as lojas do Pelourinho, em Salvador,

²²⁰ Segundo o *Documento da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras – Rumo a III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerância Correlata* (2001, na África do Sul) “o trabalho doméstico ainda é, desde a escravidão negra no Brasil, o lugar que a sociedade racista destinou como ocupação prioritária das mulheres negras.”

A taxa de desemprego é maior nesse grupo, e elas ficam mais tempo desocupadas. E quando conseguem entrar no mercado de trabalho, ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os menores salários.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Bahia, não estão celebrando a sexualidade afro-brasileira que sobreviveu à colonização portuguesa e aos costumes ocidentais burgueses, mas sim explorando a negritude em geral, e as mulheres negras em particular, num mercado capitalista no qual as diferenças raciais podem ser transformadas em mercadorias exóticas e vendidas. (DAVIS, 2000, p.71).

A naturalização da inferioridade da mulher, sobretudo da negra, tem o aparato das instituições sociais para fomentar e difundir. Sobre isso, Castells (2008) afirma que quem determina os códigos culturais e as imagens de representações é a classe dominante que se utiliza da mídia onipresente e das instituições sociais para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais e impor uma “identidade legitimadora”, instituidora de gestos, modos de ser e estar no mundo, formas de falar e agir, pelos quais os sujeitos vão se constituindo, arranjando e desarranjando seus lugares sociais.

Uma dessas instituições é a escola, que pode contribuir para a construção de identidades pautadas em símbolos e códigos culturais baseados na cultura dominante. Segundo Louro (1997, p.58), a instituição escolar,

Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. [...] Através de seus quadros, crucifixos, santas, ou esculturas, apontam aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentidos”, instituem múltiplo sentidos, constituem distintos sujeitos.

Ao apontar os símbolos e os códigos que atuam de modo ativo na formação cultural dos sujeitos no ambiente escolar, Louro debate sobre a relação existente entre a escola e os sujeitos que a compõe, sobretudo o corpo discente que é o alvo principal da educação, na constituição das normas e dos modelos dominantes



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

vigentes, bem como da apropriação de estereótipos veiculados pelos grupos hegemônicos no Brasil, já que a escola é reflexo e refletora da sociedade. Ou seja, a escola, como campo político, não apenas transmite conhecimentos, ela produz, no seu cotidiano, sujeitos e identidades étnicas, de gênero, de classe.

A escola como sendo uma instituição de relevância na vida dos indivíduos, pelo tempo que estes passam nela e pela importância dada ao ensino/aprendizagem transmitidos por essa instituição, é um espaço importante na perpetuação de comportamentos, atitudes, regras, símbolos e códigos culturais que tornam “naturais” as desigualdades, sobretudo, raciais e de gênero e interfere na formação das identidades dos sujeitos, isso através de mecanismos sutis e cotidianos tais como: a estruturação dos currículos escolares (que são eurocêntricos e impõe, muitas vezes, uma cultura singular e homogênea – que é branca e masculina), a elaboração dos livros e materiais didáticos (notadamente marcados por imagens e conteúdos que ratificam a cultura branca, européia e hegemônica), a organização do espaço escolar (que fomentam um padrão de beleza branco, já que há uma infreqüência de imagens que revelam a presença de pessoas não brancas e/ ou femininas de forma “bem - representadas”), a postura dos vários profissionais da educação (que não sabem lidar, em muitos dos casos, com a diversidade presente no interior da escola e acabam fomentando o racismo e o sexismo), fatores que participam de forma ativa no processo de formação identitária dos sujeitos.

A influência destes fatores nos processos de formação identitária de raça e de gênero em alunas negras fica bem claro nas falas²²¹ de alunas que seguem abaixo:

²²¹ As falas são oriundas de uma entrevista realizada em dois blocos com 12 alunos (6 em cada), sendo no 1º 4 negros e 2 brancos . No 2º 3 negros e 3 brancos. Tal pesquisa é fruto de um trabalho de conclusão de curso de Educação e Relações Étnico-Raciais realizado na Universidade Estadual de Santa Cruz por Cinthia Nolácio de Almeida, no ano de 2008.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Quando eu estudei na 4ª série eu lembro que na sala de aula uma das minhas colegas chamou uma outra colega de “torresmo”, a professora não falou nada, até riu daquele preconceito, depois desse dia a minha colega de apenas 13 anos parou de estudar e até hoje ela não tem vontade de estudar porque ela se sentiu muito humilhada. (Relato de aluna da 8ª série).

Oh, lá na sala mesmo têm uns meninos que ficam botando apelidos, me chamando de macaca... Por causa do meu cabelo [...] e eu me sinto muito incomodada com isso. (Relato de aluna negra da 7ª série).

Às vezes eu tenho vontade de ser branca... Mas eu sou feliz do jeito que sou mesmo com as dificuldades... (Aluna negra da 7ª série)

Olha, lá na sala têm uns meninos que ficam botando apelidos, me chamando de macaca, porque da novela Xica da Silva, né? Por causa do meu cabelo que é ruim e eu me sinto muito incomodada com isso, mas eu não mudaria nada em mim porque eu não vou dá ousadia a ninguém, porque eu sou do jeito que sou é porque Deus me quis assim. Então eu não sinto vergonha da minha cor, nem do meu cabelo. Cada um tem que ser diferente, então não tem porque eu mudar só porque eles querem. (Aluna negra da 7ª série)

Em todas estas falas nota-se o quanto são dolorosas as experiências vivenciadas por alunas negras nas suas trajetórias escolares e como isto incide na auto baixa-estima das mesmas, na fragmentação identitária delas, numa rejeição de suas origens raciais, na tentativa de assimilação dos valores culturais do grupo hegemônico e, principalmente, uma necessidade de repensar as práticas pedagógicas no que concerne as questões de raça e de gênero.

De acordo com os depoimentos das dez meninas negras²²², a convivência, a interação na escola, que provocam o espelhamento com o outro, e contribuem nos processos de construção identitárias, estão permeados por olhares, apelidos,

²²² - Essas entrevistas foram realizadas para elaboração duma dissertação do Curso de Mestrado em Educação e Contemporaneidade realizado na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, defendida em 2010 por Cinthia Nólácio de Almeida e intitulada “Experiências escolares e processos de construção de identidades de raça e gênero de alunas adolescentes negras”.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

xingamentos, exclusões e experiências que tentam reforçar ideias pejorativas e a construção de uma auto-imagem e identidades negativas, conforme mostram seus relatos quando perguntadas se já haviam sofrido racismo na escola.

Já sofri sim. Alguns colegas diziam assim: 'Já vem a negra, já vem a preta, pau de fumo, formiga preta', aí eu me sentia muito mal com isso. Quando essas coisas acontece, eu procuro ficar distante da pessoa, não converso mais, passo um bocado de dia sem conversar (Amaralina, 14 anos).

Muito. Eu já fui descartada de vários grupos de atividades escolares pelo fato de ser negra, pelo fato de ser feia, já fui também muito xingada, assim... os meninos já me botaram muito apelido que machuca, assim, muito, a gente [expressão de choro], mas é assim, cada um tem sua visão das pessoas, cada um, muitas pessoas também falam que eu sou bonita, sou educada, já outras fala que eu sou um pedaço de cavalo, que eu sou feia, sou horrorosa, mas cada um tem sua opinião, eu procuro sempre a... tipo assim, compreender a opinião do povo, mas têm opiniões assim, que às vezes machucam muito, aí eu tento manter o máximo de distância daquela pessoa porque eu sei que se eu ficar ali não vai ter aquele clima bom assim entre as pessoas que ta ali, então eu prefiro logo ter um clima bom com as pessoas do meu tipo assim, que são negras, que não tem preconceito com a minha cor, eu acho melhor isso (Durvalina, 15 anos).

Os depoimentos de Amaralina e Durvalina, nomes fictícios dados às meninas negras entrevistadas, ratificam o que já foi demonstrado nos questionários analisados anteriormente: a presença do racismo na escola, concretizado através de xingamentos, apelidos e exclusões na realização de trabalhos escolares, respaldados na negatividade dos traços estéticos das meninas negras.

Observa-se que em todos os relatos, especialmente no segundo e no terceiro, os risos envergonhados, as expressões de choro, a declaração de dor por causa de palavras e atitudes que atrelam seus traços estéticos a coisas ruins ("pau



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de fumo”, “nega fulu”, “horrorosa”) refletem no relacionamento das meninas com seus (as) colegas ao ponto delas declarem o afastamento (forçado pelas experiências racistas) e a tentativa de se relacionarem apenas com pessoas com as quais elas se identificam: pessoas negras e da mesma classe social delas, ou seja, há uma nítida segregação no interior de uma instituição que se coloca como igual para todos (as).

Esses fatos remetem às afirmações de Mendes (2002) ao discutir sobre o peso que as experiências sociais vivenciadas pelos indivíduos têm na formação de suas identidades. Para o autor, a imagem de si próprio construída por cada indivíduo é resultado das experiências sociais por eles vividas, a partir de materiais com que os outros constroem uma identificação social e pessoal dele, mas ele tem uma margem de liberdade na moldagem da sua identidade. Assim, pode-se afirmar que todas as representações sociais negativas ligadas às mulheres negras e perpetuadas pela escola através dos mais variados mecanismos (currículo, livros e materiais didáticos, recursos imagéticos, invisibilidades), inclusive pelos tratamentos diferenciados, humilhantes e inferiorizantes por parte dos (as) colegas, representam experiências que contribuem para a formação de identidades, na maioria das vezes, negativas dessas alunas.

Tal fato pode ser observado na vergonha de relatarem situações em que são declaradas como negras; na não aceitação dos seus traços estéticos, considerados feios por elas mesmas; na auto-exclusão no espaço escolar. Isso aparece de forma bastante latente no terceiro depoimento, quando a aluna afirma saber que as discriminações por ela sofridas ocorrem por conta dela ser negra e, conseqüentemente feia, o que parece ser algo incômodo, ruim. As alunas se sentem excluídas e deslocadas mesmo estando no interior da escola.

É interessante destacar que nove entre as dez meninas declararam ser negras quando questionados sobre isso durante as entrevistas e usaram, na



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

maioria das vezes, as mesmas justificativas presentes nos questionários: a cor da pele, o tipo de cabelo e os traços estéticos, conforme se segue.

Com certeza. Minha cor é negra (Julieta, 13 anos).

Sim. Eu sei que sou negra e pronto, meu cabelo é de negro, meu nariz, meu olho, tudo assim, minha pele [riso] (Primavera, 14 anos).

Sim, porque, porque eu acho minha cor, eu acho gente negra mais bonita, por causa que eu considero minha cor como negra (Florentina, 15 anos).

As respostas de Julieta, Primavera e Florentina, bem como as justificativas usadas por elas para se definirem como negras, foram semelhantes às das demais meninas entrevistadas (com exceção de uma) fato que aparentemente demonstra a construção de uma identidade racial positiva. Entretanto, essa firmeza e aparente conforto em se declarar negra foram se desfazendo no decorrer das entrevistas e a sensação de uma construção de identidade racial negativa apareceu.

Isso pode ser exemplificado pelas respostas das mesmas meninas mencionadas acima quando questionadas sobre um possível incômodo quando as outras pessoas presentes na escola, e que convivem com elas, principalmente os (as) colegas, as definem como negras. As respostas foram as seguintes:

Eu me incomodo quando alguém me chama de negra porque isso é um preconceito, apesar que nunca chamaram (Julieta, 13 anos).

Não me incomoda muito porque eu já sei assim que sou negra, mas ficar falando toda hora negra, essa negra, aí me incomoda, se chamar só uma vez, assim, não me incomoda muito porque eu sei que sou mesmo, então eu deixo quieto, então pronto, mas quando fala toda hora aí eu me incomodo (Primavera, 14 anos).

Um pouco, porque às vezes quando eles fala que a pessoa é negra, eles fala com preconceito, eles se refere mal, eles fala: '-Ah, já vem ali a urubu', um bocado de apelido [silêncio], chama a gente de negrinha e tem outros. Isso me incomoda, eu sinto como se fosse

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

um desprezo que eles te dão por ser negra [expressão de choro]
(Florentina, 15 anos).

Nesses relatos é possível observar que as meninas não aceitam de forma totalmente positiva o fato de serem negras. Elas já têm internalizado que ser negro (a) está atrelado a experiências de preconceito e discriminação, fatos que provocam vergonha, como mostra o primeiro depoimento, no qual, embora a menina declare que se incomoda quando é chamada de negra, nega que isso já tenha ocorrido com ela, e no terceiro relato a menina declara explicitamente como se sente desprezada por causa dos apelidos e também pela expressão de choro ao falar dessas experiências. Essa negação e esse incômodo em serem declaradas como negras apontam para a construção de identidades raciais negativas, para a construção de um olhar negativo para si mesmas.

Mais uma vez, ressalta-se que os relatos das meninas negras sinalizam para a apropriação, para a internalização de ideias racistas presentes cotidianamente na escola e que contribuem para a construção de identidades raciais negativas. Um exemplo bastante notório das consequências da internalização de discursos e ideias negativas sobre as mulheres negras se revela no depoimento de Celestina, que expressa de modo veemente a negação de seus traços estéticos, de sua origem racial e não se considera negra, mesmo sendo apontada como tal pelos (as) demais colegas e possuindo todos os traços estéticos negros.

CONCLUSÕES

Todas essas relações, experiências, interações vivenciadas pelas meninas negras no interior da escola, agudizam ainda mais os processos de construção de identidades, especialmente das identidades raciais. Corroborando as ideias de Moita Lopes (2002) que afirma ser a escola um importante local de formação de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

identidades, dentre outros motivos, pela credibilidade social dada aos conhecimentos por ela veiculados e a quantidade de tempo que os indivíduos passam nela, os depoimentos das meninas negras respaldam isso e ratificam que boa parte do tempo que tais alunas passam na escola é permeado por experiências dolorosas, que tentam inferiorizar e perpetuar ideias racistas e sexistas e, conseqüentemente, contribuir para a formação de identidades raciais e de gênero negativas.

REFERÊNCIAS

- BRUSCHINI, C.; SORJ, B. (Org.) **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CIAMPA, A.C. (1987). **A história do Severino e a estória de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DAVIS, D. **Afro-brasileiro hoje**. São Paulo: Summus, 2000.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MENDES, J. M. O. O desafio das identidades. In: SANTOS, B. **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1996.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

NASCIMENTO, E. L. **O sortilégio da Cor:** identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, E. Mulher negra professora universitária: **trajetória, conflitos e identidade.** Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

SILVA, M. A. Formações de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa social. In: CAVELLEIRO, E. **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

SORJ, B. (Org.) **Novos olhares:** mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994.

VIANNA, C. Sexo e Gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola:** Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.